



**CASA CLIC:**

**do sonho da residência artística à virtualidade de uma revista**

**CASA CLIC:**

**del sueño de una residencia artística a la virtualidad de una revista**

**CLIC HOUSE:**

**from the dream of an artistic residency to the virtuality of a journal**

**Amanda M. P. Leite<sup>1</sup>**

**Renata F. da Silva<sup>2</sup>**

**Resumo**

O texto partilha a biografia da Casa Clic – Palmas/TO, uma clareira para diferentes encontros entre pessoas interessadas na experiência estética. A casa, em contexto pandêmico, resiste como revista de artista ao ativar encontros entre-imagens por meio de convocatórias. Para tanto, o texto pensa o conceito casa, ao mesmo tempo em que busca desterritorializá-lo para propor uma cartografia própria em diálogos que se dão entre a atmosfera do público e do privado. Ao tensionar o espaço da casa, os modos de ocupá-la, habitá-la, expandi-la e até transmutá-la em uma virtualidade, essas desterritorializações podem ser tratadas como forças que puxam, ao mesmo tempo, em direções opostas, a saber: a) a potência criativa da casa tomada como *modo de usar* a partir de uma dupla dimensão: a íntima e a expandida em redes de conexão b) um lugar físico-geográfico e seus significados que dão passagem a uma virtualidade do real c) a produção artística que reinventa o sentido de habitar mas que encontra um trabalho contínuo no espaço de descanso d) a força viral como pulsão de metamorfose num mundo em queda.

**Palavras-chave:** Casa Clic; Revista Pausa na Rede; desterritorialização; pandemia; comunicação.

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta no Programa de Pós-graduação em Comunicação e no Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Tocantins - UFT. Site: [www.renataferreiraatriz.com](http://www.renataferreiraatriz.com) - @renataferreiraatriz / @casa\_clic

<sup>2</sup> Professora Adjunta no Programa de Pós-graduação em Comunicação e no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Tocantins - UFT. Site: [www.amandaleite.com.br](http://www.amandaleite.com.br) - @amandampleite / @casa\_clic

### Resumen

El texto comparte la biografía de Casa Clic - Palmas/TO, un claro para diferentes encuentros entre personas interesadas en la experiencia estética. La casa, en un contexto pandémico, resiste como revista de artista activando encuentros entre imágenes a través de convocatorias. Por tanto, el texto piensa en el concepto de hogar, buscando desterritorializarlo para proponer su propia cartografía en los diálogos que tienen lugar entre el ambiente de lo público y lo privado. Al tensar el espacio de la casa, las formas de ocuparlo, habitarlo, expandirlo e incluso transmutarlo en una virtualidad, estas desterritorializaciones pueden ser tratadas como fuerzas que tiran, al mismo tiempo, en direcciones opuestas, a saber: a) el poder creativo de la casa tomado como forma de uso desde una doble dimensión: lo íntimo y lo expandido en redes de conexión b) un lugar físico-geográfico y sus significados que dan paso a una virtualidad de lo real c) una producción artística que reinventa el sentido de habitar pero encuentra un trabajo continuo en el espacio de descanso d) la fuerza viral como pulsión de metamorfosis en un mundo en caída.

**Palabras Clave:** Casa Clic; Revista Pausa na Rede; desterritorialización; pandemia; Comunicación.

### Abstract

The text shares the biography of Clic house – Palmas/TO, a clearing for different encounters between people interested in aesthetic experience. The house, in a pandemic context, resists as an artist's journal by activating encounters between images through summons. Therefore, the text thinks about the concept of home, while seeking to deterritorialize it in order to propose its own cartography in dialogues that take place between the atmosphere of the public and the private. By tensioning the space of the house, the ways of occupying it, inhabiting it, expanding it and even transmuting it into a virtuality, these deterritorializations can be treated as forces that pull, at the same time, in opposite directions, namely : a) the creative power of the house taken as a way of using it from a double dimension: the intimate and the expanded in connection networks b) a physical-geographic place and its meanings that give way to a virtuality of the real c) a artistic production that reinvents the sense of inhabiting but finds a continuous work in the rest space d) the viral force as a metamorphosis drive in a falling world.

**Keywords:** Casa Clic; Pausa na Rede Journal; deterritorialization; pandemic; Communication.

\* \* \*

## Casa-sonho - uma biografia

Gilka Girardello em sua fala de abertura na V Jornada Do PPGCOMS – UFT<sup>3</sup> em 2021 intitulada: *Passeios pelas clareiras narrativas da imaginação*” nos convida a reivindicar, docemente, à dimensão política da imaginação, sua capacidade de empatia, de partilha de clareiras, de encontros capazes de nutrir nossas ações na invenção de outros mundos possíveis.

Este texto conta a história de uma casa-sonho que exercita torna-se uma clareira para diferentes encontros entre pessoas interessadas na experiência estética, na produção e fruição artística. Localizada na alameda cinco da Quadra 507 no Plano Diretor Sul da Cidade de Palmas<sup>4</sup>, Estado do Tocantins, a casa em questão, é habitada por duas professoras-artistas-pesquisadoras que buscam modos de ativar este espaço<sup>5</sup> para além do sentido de habitação, afinal, casa, mais que uma palavra ou uma imagem, é coisa de gente que se movimenta, que entra e sai, de dentro para fora e de fora para dentro.

Desta casa estamos a seis quilômetros e meio do centro geodésico do Brasil e a sete quilômetros da Universidade Federal do Tocantins. Uma quadra residencial, silenciosa, com muitas outras casas, muros bem altos, em sua maioria pintados de cinza ou de bege, portões de ferro bem fechados, pouco convidativos para quem passa do lado de fora desejar entrar ou espiar o que(m) tem dentro... Esta paisagem de fachadas altas e cerradas marca a arquitetura de quase toda a cidade, organizada em quadras que marcam o limite entre um bairro e outro com longas distâncias para se percorrer a pé.

A geografia de Palmas propõe poucas chances para encontros ao acaso com outras pessoas. Uma cidade pensada e projetada para que as pessoas se desloquem

---

<sup>3</sup> Palestra de abertura da V Jornada Interdisciplinar do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFT em 2021 pela canal PPGCOMS-UFT com o tema *A intimidade expandida: comunicação em tempos virais* disponível no link: <https://youtu.be/T9OX8VXHTUY>

<sup>4</sup> Há dois textos que exploram a relação com a arquitetura da cidade de Palmas e que gostaríamos de sugerir a leitura: *Desvio: a cidade posta em cartões* disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/desvio-a-cidade-posta-em-cartoes/> e ainda, *A praça é nossa! Narrativas cotidianas e pedagogias culturais*, disponível em: [Revista Rua - A praça é nossa! Narrativas cotidianas e pedagogias culturais \(unicamp.br\)](http://Revista Rua - A praça é nossa! Narrativas cotidianas e pedagogias culturais (unicamp.br))

<sup>5</sup> A proposta faz parte do projeto de pesquisa - *A cibercultura e o retorno a casa: cartografia de residências que se tornam espaço de cultura e suas estratégias de comunicação midiáticas*, em andamento desde 2020, das professoras-autoras deste texto vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade - PPGCOMS da UFT.

de carro ou ônibus, dentro de veículos com ar-condicionado, em razão do clima quente e das avenidas largas cimentadas ou de terra que compõem a paisagem. Dependendo da época do ano, especialmente nos meses de agosto e setembro quando a seca é alta e a umidade muito baixa, a sensação de ausência do outro pode assolar, isto porque durante o dia quase não vemos pessoas nas ruas. E o que fazer quando sentimos que o céu está baixo demais? [...] é só empurrá-lo e respirar (KRENAK, 2020, p.28).

Na tentativa de “empurrar” o céu e encurtar distâncias, nós professoras-artistas buscamos modificar a relação com a casa de forma a expandi-la para um projeto de vida que a tornasse um espaço de encontros, criações e afetividades. E quando pensamos na dimensão do encontro e do afeto, tomamos a ideia de casa como território, espaço vivido que nos delimita, nos conferindo estabilidade, organização e apropriação no qual desembocam comportamentos do âmbito privado, do “sentir-se em casa” para um outro exercício, a ação de **desterritorializar** a fim de entender a casa como espaço público ao mesmo tempo em que residência, uma intimidade expandida e, ainda, uma clareira.

Para Deleuze (2012) a desterritorialização é [...] “o movimento pelo qual se “abandona o território”. É a operação da linha de fuga (DELEUZE, 2012, p.238). A casa tornada espaço de produção cultural opera pela fuga do sentido do “território privativo de um indivíduo” para ser reterritorializada como “espaço privativo de um público”. Este movimento instaura uma ação de desordem em nossas vidas e em nosso bairro, mas, talvez, seja efeito de uma sociedade em rede, conectada em dimensões planetárias, que parece necessitar do encontro na sua forma mais íntima, *em casa*.

A casa, que recebeu o nome de **Casa Clic**, carrega consigo três inspirações que se conectam. O primeiro Clic tem a ver com a sonoridade da palavra, o sentido de ideia, *insight* de criação, de produção de sentidos que se dão no encontro com o outro já que [...] nossa essência singular, está circunscrita aos agenciamentos. É neles que existimos e expandimos nossa potência porque os encontros são ideias, novidades que fora de nós podem nos forçar a expandir essa potência de existir (SILVA, 2017, p.149). O segundo Clic é decorrente da formação em Mímica e Teatro Gestual de uma das ativadoras da casa Renata Ferreira, que quer dizer, a partir da versão inglesa da palavra *Click* o momento que marcamos o contato com o objeto invisível no espaço

para uma eficácia comunicativa do que queremos criar em mímica objetiva, uma espécie de espasmo que marca o contato com objeto, conferindo-lhe peso, tamanho e forma, a partir do *click* podemos criar mundos tornando visível o invisível. O terceiro Clic dialoga com os estudos em Fotografia, pesquisa realizada pela artista e ativadora da casa Amanda Leite. Clicar não apenas para tirar uma boa foto, mas trabalhar com as dobras das imagens e(m) diferentes linguagens e expressões. Os *clics* que sustentam a proposta desta casa operam como convites, fissuras abertas à criação e ao encontro que tornam visíveis outros mundos possíveis, “um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho” (KRENAK, 2020, p.65).

A história dessa *casa-sonho* surgiu em 2019. Inauguramos a Casa Clic com a oficina de Fotografia e Bordado ativada pela artista visual Marli Wunder<sup>6</sup>. A dinâmica foi simples. As pessoas chegavam curiosas e pouco a pouco se sentiam “em casa”. Geralmente as vivências começavam na cozinha, com uma conversa em torno da mesa e um café feito na hora. Isto também trazia um risco desconhecido, como será essa convivência? E se tudo der errado? Flertar com o desconhecido era receber o público sem ritual preparado para que os visitantes circulassem livremente pelos espaços da casa. Tempo-espço de preguiça, para bisbilhotar, deitar-se na rede, enfim, estar à vontade em casa. Cada oficina se desafiava a acolher desde o início os participantes com obras do artista-ministrante dispostas nas paredes da casa, nas mesas, no mural de entrada, no espaço do quintal, porta de geladeira etc.

Como em um exercício de *site-specific* cada artista ministrante de oficina tem a oportunidade de organizar sua exposição/proposta dialogando com os espaços da Casa Clic, convidando o público a interagir com o meio. Nesta via de mão dupla, as obras transformam os ambientes da casa e a casa desafia cada artista a dispor de sua obra e materiais para as criações na cartografia deste espaço. Por isso, aos poucos a paisagem da casa se transforma totalmente com exposições resultantes das oficinas. Improvisamos janelas, portas, varal no quintal, tecidos no gramado para exibir as criações. O tom intimista, aconchegante e informal pede que os participantes tirem os sapatos, ocupem o chão da casa, balancem nas redes ou fiquem nos sofás enquanto conversam, bordam e trocam histórias.

---

<sup>6</sup> Para conhecer mais sobre a pesquisa e a obra da artista leia o artigo intitulado: [Marli Wunder: entre hilos, imágenes y proceso creativo](https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1306) disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1306>



Imagem 01: Registro de Residência Artística na Casa Clic – arquivo pessoal

Os espaços expressam modos de ser, pensar, estar no mundo. Muitas vezes reproduzimos divisões e necessidades na casa que talvez já não nos dizem respeito. A ideia inversa é verdadeira, mudar a disposição dos móveis ou mesmo a função do espaço da casa é também uma forma de desautomatizar pensamentos e modos de habitar/pensar o mundo.

Na história da casa, a sala de estar, por exemplo, pode ser tomada com um capítulo especial. A historiadora e jornalista Zabalbeascoa (2013) produziu uma crônica da evolução da casa e dos nossos hábitos domésticos revelando que em boa parte das casas ocidentais, no séc. XVI era justamente a sala o lugar onde a vida cotidiana acontecia ao redor do fogo “nesse cômodo as pessoas viviam e trabalhavam, cozinhavam, fiavam e reparavam suas ferramentas” (ZABALBEASCOA, 2013, s/p). Um sentido mais móvel para a sala parece estar presente no período medieval quando, por exemplo, as mesas eram montadas e desmontadas na sala, que se transformava em refeitório durante o dia e dormitório durante a noite. E com a popularização de um novo invento, a lâmpada, a sala sofreu uma transformação radical no início do século XIX tornando-se um espaço para jogar, bordar e ler em família ao redor da lareira. Lentamente, a sala foi ficando independente dos dormitórios para já no séc. XX deixar de ter a lareira como seu elemento central para dar lugar a televisão e reencontrar a cozinha e a sala de jantar nas tão comuns salas abertas. Assim, pela transformação da sala da casa clic em espaço aberto para oficinas com mesa móvel e cadeiras de praia, começamos a modificar nossa intimidade em busca de uma outra poética cotidiana de vida.

A segunda oficina de criação foi ministrada por uma das idealizadoras da Casa Clic, Amanda Leite, intitulada: *Seydou Keita: fotografia africana e poéticas visuais*, que aconteceu em setembro de 2019. A proposta foi dividida em dois momentos, sendo o primeiro mais teórico, para que os participantes pudessem conhecer a poética de Seydou Keita e o contexto de suas obras ali na sala, e o segundo momento organizado para que todos pudessem experimentar composições fotográficas inspiradas na obra do fotógrafo, um dos maiores expoentes da fotografia africana no mundo.

A casa se transformou num grande estúdio de fotografia. No quintal foram criadas cinco estações com tecidos coloridos e florais, adereços, livros de fotografia e objetos trazidos pelos participantes para que os ensaios fossem fotografados. Começamos a perceber que ativamos uma micro-residência artística, experimentamos por um dia a criação coletiva. Por outro lado, enquanto idealizadoras deste projeto percebemos que os espaços da casa eram otimizados de modos distintos em cada oficina e que, de certa forma, os participantes estabeleciam uma relação menos formal e institucionalizada com a proposta, o que conferia um clima leve, próximo e bastante afetivo a cada experiência.



Imagem 02: Registro de Residência Artística Seydou Keita na Casa Clic<sup>7</sup> – arquivo pessoal

Um programa de residência artística “consiste num conjunto de ações voltadas para o incentivo, a experimentação, inovação, pesquisa e criação no campo das artes” (BEZERRA; VASCONCELOS, 2014, p. 21). Na Casa Clic, isto acontece através de apoio financeiro concedido aos artistas por meio de um autofinanciamento, os participantes contribuem a partir de uma taxa colaborativa e os artistas são acolhidos pelas proprietárias da casa durante alguns dias ou semanas. Cozinhar, conhecer a cidade, reconfigurar a casa para a experiência, trocar referências poéticas e processos

<sup>7</sup> Veja o *making of* da oficina em: <https://www.instagram.com/p/B3AfiVyFBp7/>

criativos, tudo isso foi nos levando a perceber os elementos constitutivos de uma residência artística “o deslocamento, o espaço privilegiado, as experiências, as convivências, as trocas, a condição “em trânsito”, a vida comum, a participação, as colaborações os processos de negociação” (*Idem*, p.42).

Para além de conviver e trocar experiências com as proprietárias da casa, com a cidade e demais pessoas que circulam na residência, a proposta começava a dar tempo e espaço para a realização de intervenções na casa e no bairro e promover ações artístico-pedagógicas com foco no público local a partir da obra do artista em deslocamento. A exemplo disto a terceira experiência foi com a artista Anike Laurita<sup>8</sup> que nos proporcionou uma imersão com seu universo pessoal de pesquisa em colagens a partir da problematização da cidade, com o tema *Cidade Insólita: imagens surrealistas urbanas*. A experiência de cortar, colar e entender não só o processo, mas a história da colagem numa perspectiva surreal se desdobrou em stencil nas ruas da quadra, com alguns participantes ficando para dormir na casa após a experiência com direito a conversas infinitas e criativas com saídas pela cidade. Bezerra e Vasconcelos mencionam que “cabe destacar que os artistas podem desenvolver diversas ações em quaisquer linguagens” (*Idem*, p.21) o que pode conferir à ação artístico-pedagógica um caráter de partilha de mecanismos e referências poéticas ao mesmo tempo que a ativação de um processo criativo na casa com as pessoas da cidade.

[...] quem fala de residência artística fala em deslocamento. Os programas de residência artística, em sua gênese, propõe a mobilidade de profissionais das artes como meio de criar condições propícias para a pesquisa em contextos estrangeiros, promovendo a desterritorialização como condição do processo de criação (BEZERRA;VASCONCELOS, 2014, p. 29).

No Brasil, a partir do mapeamento realizado e publicado pela Funarte em 2014, percebemos uma concentração de programas de residência artística nos estados da região sudeste, o que, de certa forma, reflete a lógica da produção artística brasileira concentrada nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Nosso interesse passa justamente por desenhar um programa que possa contar com um financiamento público por meio de editais de fomento para partilha de processos criativos, experimentação e intercâmbio, fomentando uma rede de casas na região da Amazônia Legal e desta região com outras redes nacionais e internacionais para que

---

<sup>8</sup> Veja o *making of* da oficina em: <https://www.instagram.com/p/B4Kk6j4FWiM/>

possamos nos deslocar geograficamente e artisticamente a partir do encontro com o outro.

Realizamos outra oficina em 2019, sobre a confecção e manipulação de bonecos para teatro com o ator e pesquisador Reginaldo Ferreira<sup>9</sup>, de Florianópolis/SC. As oficinas mantiveram a dinâmica de ocupação da casa para a experimentação artística, assim como a proposta de financiamento coletivo, ou seja, o dinheiro das inscrições servia para custear a vinda de cada artista oficinairo, despesas de água, luz, café e material para a criação de cada trabalho, reforçando que a Casa Clic não tem fins lucrativos.

Após estas experiências continuávamos a nos questionar: Qual a relação que mantemos com a nossa casa? A Antropóloga Roxana Waterson fala da ideia de uma casa ser vista como “uma personalidade com vida” e as reverberações que isto toma ao longo da vida a partir de sua pesquisa de campo iniciada em 1978 com as populações Sa’Dan Toraja, da Ilha de Sulawesi, Indonésia. A pesquisadora percebeu a importância do papel desempenhado pelas formas de habitação em diversos aspectos dos processos de vida dessa comunidade na qual:

[...] é possível descrever essas casas como tendo uma biografia. Posto que a casa Toraja, sob a cosmologia local, é percebida, descrita e construída como uma entidade viva, dá-se uma estreita relação entre o formar e o ser formado por essas habitações” (GOYENA, 2013, p. 144).

Tivemos empatia direta com essa reflexão, pois, a casa Clic tem nome, certa personalidade, propósito e singularidade, nasce sob certos contextos e tem uma história própria. Na entrevista Waterson afirma: “mas, se está viva, então ela tem uma história de vida. Daí eu ter começado a pensar em casas como tendo biografias”.

Esta reflexão de Waterson a partir de sua pesquisa nos fez ver o quanto a casa pode ter sentidos diferentes e imbricados como nossa forma de produção de vida, afinal, formamos as habitações ao mesmo tempo em que somos formados por elas.

Como leitoras de Espinosa começamos a inferir que uma casa, assim como um corpo e uma alma podem ser compreendidas menos como substâncias ou sujeitos, mas como **modos**. Um modo é uma relação complexa de velocidade e de lentidão, no corpo, mas também no pensamento, o que implica em um poder de afetar e de ser

---

<sup>9</sup> Veja o *making of* desta oficina em: [https://www.instagram.com/p/B3RvOxVlKR/?utm\\_medium=copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B3RvOxVlKR/?utm_medium=copy_link)

afetado. Assim, "Definiremos um animal, ou um homem, não por sua forma ou por seus órgãos e suas funções, e tampouco como sujeito: nós o definiremos pelos afetos de que ele é capaz" (DELEUZE, 2002, p.129-130). Uma casa, definida menos por uma categoria essencial dada pela função de habitação do que como **forma de vida**.

[...] vê-se que o plano de imanência, o plano de Natureza que distribui os afetos, não separa absolutamente coisas que seriam ditas naturais e coisas que seriam ditas artificiais. O artifício faz parte completamente da Natureza, já que toda coisa, no plano imanente da Natureza, define-se pelos agenciamentos de movimentos e de afetos nos quais ela entra, quer esses agenciamentos sejam artificiais ou naturais (DELEUZE, 2002, p.130).

Podemos pensar esse modo de vida da casa como uma lista de afetos: ser espaço para oficinas artísticas, exposições, fotografias e filmagens, ter seus ambientes internos e externos modificados por cores, graffiti, intervenções artísticas e circulação de pessoas, estender-se a uma dimensão virtual com a produção e divulgação de imagens dos movimentos e propostas que ali acontecem, ou seja, pensar os modos desta casa pelo movimento de pessoas que entram e saem, pelos agenciamentos.

A Casa Clic foi ganhando cores e grafites nas suas áreas internas e externas. Muitos artistas que participaram de alguma ação deixaram uma obra para constituir um pequeno acervo. Construimos uma *homepage* para abrigar a grade da programação de oficinas, ativamos o instagram @casa\_clic para divulgar as ações e dar ainda mais visibilidade ao projeto no desejo de operar numa rede colaborativa. A Casa Clic fez parcerias com outras galerias e espaços artísticos para além da cidade de Palmas/TO. Aos poucos parecia poder tornar-se uma plataforma de diferentes expressões artísticas, não só produzidas no estado do Tocantins, mas dadas pela produção de imagens dos movimentos da casa que começam a expandir as experiências de criação do quintal para o mundo nas redes.

Há um crescimento de criação de redes colaborativa para processos criativos em formato de residência no mundo que pode ser constatado, por exemplo, desde 1990 com a fundação da *Alliance os Artist Communities*<sup>10</sup> que reconhece que são os processos criativos e o desenvolvimento de novas ideias a essência do desenvolvimento humano, agenciando seus membros para ações de conexão e suporte para residências artísticas.

---

<sup>10</sup> Para mais informações: <https://artistcommunities.org/>

Neste momento, nos interessa compreender os efeitos de viver em uma sociedade em rede, numa era de conexão e mobilidade, a partir dos novos espaços de arte e educação que ativam uma cena artística independente em casas residenciais e nos provocam a pensar novas formas de engajamento artístico e educativo. Nossos processos de produção e expressão artística sofrem uma revolução diante das transformações nas comunicações que, agora, operam por conexões invisíveis inseridas em nosso cotidiano das mais diversas formas.

Habitando um mundo em rede e conectado torna-se inevitável e imprescindível a interface entre áreas de pesquisa, no caso desta casa, com as artes, a educação e a comunicação para compreender as transformações da produção artística, num contexto em que mudanças no próprio trabalho do artista, especialmente nas formas de comunicação, criaram não só novos suportes como novos ambientes para produção, distribuição e consumo.

[...] ao fazerem uso das novas tecnologias midiáticas, os artistas expandiram o campo das artes para as interfaces com o desenho industrial, a publicidade, o cinema, a televisão, a moda, as subculturas jovens, o vídeo, a computação gráfica, etc. De outro lado, para a sua própria divulgação, a arte passou a necessitar de materiais publicitários, reproduções coloridas, catálogos, críticas jornalísticas, fotográficas e filmes de artistas, entrevistas com ele(a)s, programas de rádio e televisão sobre ele(a)s (SANTAELLA, 2005, p.14).

A produção e o próprio pensamento artístico passam pelo suporte midiático e imagético. Necessitamos, como artistas, produzir conteúdo sobre nosso trabalho, sejam pequenos vídeos, entrevistas, fotografias, partilhar processos, realizar lançamentos, fazer shows em *lives*, participar de exposições virtuais, redes.... As etapas de produção, venda, circulação, partilha e suporte de qualquer expressão artística tornaram-se **imagens**.

Obviamente, com a velocidade e rapidez destas transformações ativar redes se tornou uma condição de atuação, sobrevivência e existência de processos criativos colaborativos. Se a Casa Clic começa estruturando-se num lugar, ao pensar as transformações na comunicação em uma sociedade em rede em interface com as artes e a educação, campo onde delimitamos nossa atenção e interesse de pesquisa, nos percebemos como um sistema de nós interligados. “*E os nós são, em linguagem formal, os pontos onde a curva se intersecta a si própria*” (CASTELLS, 2005, p.20). As

concepções de tempo e espaço estão sendo modificadas para um **espaço de fluxo** como manifestação predominante de poder em fluxo nas redes.

Em 2020 estávamos com as imagens das próximas ações produzidas e já divulgadas para o primeiro semestre. Um movimento que contaria com a presença de artistas locais ligados à escrita criativa, a consultoria em moda minimalista, ao grafite e a uma exposição visual de colagem, trazendo os artistas da cidade para dentro da casa como ativadores de ações artístico-pedagógicas, contudo, tivemos que interromper os encontros presenciais em virtude da pandemia dada pela Covid\_19, como medida de segurança para evitar contágios.

Em tempos pandêmicos, assim como tantas outras casas, teatros, museus, escolas e universidades e espaços de arte brasileiros, precisamos **pausar**. Como continuar ativando a rede de criação, de afetividade e de encontros a partir da partilha de um espaço íntimo num contexto pandêmico?

O céu, novamente, começava a cair e sem previsão de retorno seguro às nossas ações parecíamos despencar vertiginosamente.

[...] por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não fez outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda a nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar num espaço não como um lugar confinado, mas como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos (KRENAK, 2020, p.30).

Em plena queda, a Casa se tornava um universo paralelo entre duas concepções de existência, **um lugar real** geográfico com sentido histórico e cultural ao mesmo tempo que **uma virtualidade do real** que se integrava a uma rede funcional com a produção de imagens de uma casa. E o que fazer quando o real se torna uma experiência midiática?

### **Casa-revista: um paraquedas colorido**

A ideia de **produzir pausas** na forma sequencial e, por vezes, mecanizada de produção de vida é um dispositivo frequente na produção artística. Deslocamos esta potente ideia em torno da força de descontinuidade do fluxo dos nossos modos de vida que a pandemia nos colocou, ao nos imprimir uma condição de distanciamento social, para pensar a potência do intervalo em nossa queda.

O que vamos fazer?

O mundo opera por um novo estilo de vida dado pelo surgimento de uma nova estrutura social que transformou nossas formas de interação dentro de uma economia global e um capitalismo informacional (CASTELLS, 2005). Partindo do pressuposto que o intervalo é o momento em que realizamos uma diferenciação em nossos atos, a possibilidade de tornar as coisas diferentes, decidimos manter alguns elementos-chaves da nossa proposta, troca e vida coletiva, e avançamos numa convocatória internacional para uma **revista de artista**, uma forma de manter o espaço de encontro e agenciamento e dar visibilidade a expressões artísticas produzidas “em meio a tudo isto” no deslizar de um tempo pandêmico pois “a gente nunca começa, nunca se recomeça tudo novamente, a gente desliza por entre, se introduz no meio, abraça-se ou se impõe ritmos” (DELEUZE, 2002, p. 128).

É justamente em meio à potência da pausa como dispositivo de produção artística, que descrevemos o processo de transformação desta *casa-sonho* em uma *casa-revista* num ritmo diferente de trabalho. Estamos em intervalo, outro modo de estar em casa, de trabalhar, de conviver com os filhos, amigos e conosco mesmo e, em intervalo, realizamos uma diferenciação em nossos atos, a possibilidade de tornar as coisas diferentes. Nossas vidas sofreram um corte, uma pausa, um luto, uma suspensão. A casa-revista configura-se como fenômeno comunicacional, mas também como um espaço de passagem, um intervalo para compartilhamento de experiência e de diálogo sobre **arte e cotidiano** que cria mundos possíveis e vitais, uma revista de artista.

A **Revista de Artista Pausa na Rede** surge como um dispositivo centrado na experiência para diagnosticar “como estamos no mundo” e “como nos comunicamos” a partir de uma poética do cotidiano e seus atravessamentos na interface entre as artes e a comunicação, um gesto que almeja manter o diálogo, o afeto e o encontro, agora, **entre-imagens**.

Desde 2020, momento em que se deflagrou a pandemia e tivemos que trabalhar de dentro das nossas casas na relação direta com o mundo externo, percebemos que a revista de artista poderia ser a casa para a divulgação e agenciamento de processos afetivos que não dissociavam a arte dos acontecimentos da vida. Ou seja, um modo de pensar a **força viral** não apenas como pulsão de morte, mas, como força de metamorfose, de criação.

[...] o vírus é a maneira como o futuro existe no presente. O vírus, de fato, é uma força pura de metamorfose que circula de uma vida para outra sem se limitar às fronteiras de um corpo. Livre, anárquico, quase imaterial, não pertencendo a nenhum indivíduo, ele tem a capacidade de transformar todos os seres vivos e permite que eles atinjam sua forma singular (COCCIA, 2020, s/p.<sup>11</sup>).

Ao perceber que um ser invisível é também capaz de impactar o mundo ao “residir e transmutar” nossas células mostrando que nosso planeta é uma casa de invenções de novos seres e migrações constantes entre eles; a revista assume uma força viral. Isto não quer dizer que banalizamos as mortes ou mesmo as responsabilidades políticas individuais e governamentais na gestão da pandemia como forma de minimizar os impactos dos contágios e preservar as vidas, mas ao mesmo tempo, nos faz perceber que participamos de uma vida que não necessariamente começa em nós, mas passa por nós e continua em outras formas de vida quando morremos." Toda vida é um potencial para criação, para invenção; toda a vida é capaz de impor uma nova ordem, uma nova perspectiva, uma nova maneira de existir (*Idem*).

Enquanto artistas, professoras e pesquisadoras vinculadas a uma instituição de ensino federal **buscamos fazer ciência e arte entendendo o pensamento como criação**. Como reinventar uma nova forma de vida para nossa revista?

Nesse sentido, procuramos estabelecer parceria com periódicos acadêmicos com ISBN, ou seja, assumir o formato de residência artística agora de uma revista de artista que reside num periódico acadêmico como um suplemento acoplado. A revista hospedeira tomada como célula e nossa Revista Pausa na Rede como código genético artístico viral. A manutenção de um desejo de vida coletiva parece encontrar uma forma virtual apostando na força de transmutação que o encontro entre dois formatos de produção de pensamento, um artístico/poético e outro lógico/argumentativo são forças necessárias para pensar a complexidade dos processos criativos em arte em período pandêmico.

---

<sup>11</sup> Este trecho refere-se a entrevista realizada com Emanueele Coccia publicada e traduzida para o português em: <https://www.philomag.com/les-idees/emanueele-coccia-le-virus-est-une-force-anarchique-de-metamorphose-42893-26/03/2020>

Para que a nossa revista pudesse ganhar mais leitores, novas redes, força de circulação inter/nacional, como um “paraquedas colorido” que pode “salvar muitos”, ela se tornaria a Revista Pausa na Rede operando por meio de convocatórias.

Acreditamos que a **pesquisa artística/acadêmica é viva**, pulsante, alegre, especialmente num momento pandêmico. Assim, na contramão de periódicos que publicam apenas pesquisas numa determinada (e quase única) forma de linguagem referencial, nós entendemos que com a revista estamos também diante da **produção de dados** ao invés da coleta à medida que em rede, podemos tensionar a forma de publicação acadêmica para projetar encontros, dar passagem, produzir intervalos e pensamentos artísticos em outros fluxos.

Para nós, resistir é existir e insistir numa poética do encontro, numa arte que afirma o pensamento ativo e inventivo em redes colaborativas. Somam-se a este movimento da revista **parceria<sup>12</sup> dos grupos de pesquisa** da Universidade Federal do Tocantins: *Coletivo 50 graus: Pesquisa e prática fotográfica<sup>13</sup>*; *Gesto: poéticas da criação<sup>14</sup>*; *Malt: memória, arte e alteridade<sup>15</sup>* e *Rastros em cena<sup>16</sup>*. A partir destes grupos, abrimos possibilidades de pesquisa em rede ao transformarmos a pesquisa acadêmica em experiência midiática gerando afeto, memória e experiência ao “recriar, potencializar outras vivências, outras diferenças” (LOPES, 2007, p.26).

Como vimos, **2020** tornou-se um marco na história mundial. Coletivamente vivemos uma pandemia que diariamente pede nossa atenção, sugere que busquemos diferentes estratégias para viver o confinamento e o distanciamento social. Muitas pessoas (e não apenas os artistas) procuram se reinventar no cotidiano experimentando coisas antes impensadas e positivando as tecnologias na relação com seus processos artísticos.

Cursos, *lives*, vídeos, acesso a diferentes plataformas digitais parecem oxigenar muitas horas do nosso dia e pedem com que criemos táticas para viver nossos dias. Tomamos estas mudanças e seus deslocamentos para criar um dispositivo no formato de uma revista, que convidasse qualquer pessoa, de qualquer lugar do

<sup>12</sup> Além dos grupos citados, as ações da Revista Pausa na Rede recebem o apoio dos cursos de graduação: Licenciatura em Teatro, Pedagogia, Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins.

<sup>13</sup> <https://www.instagram.com/coletivo50graus/>

<sup>14</sup> <https://www.instagram.com/gestopoeticasdacriacao/>

<sup>15</sup> <https://www.instagram.com/malt.uft/>

<sup>16</sup> [https://www.instagram.com/rastros\\_em\\_cena\\_ricmalv/](https://www.instagram.com/rastros_em_cena_ricmalv/)

mundo, a expressar em diferentes linguagens artísticas (vídeo, gravura, gif, fotografia, pintura, colagem etc.) seus processos criativos, ou seja, obras produzidas nestes tempos pandêmicos nas suas casas. Veja só aonde chegamos, de uma casa no centro do Brasil para as casas de tantas pessoas.

Até aqui realizamos duas convocatórias a partir dos temas: 1) *Expressões artísticas em tempos de quarentena para uma revista de artista* e 2) *Casa-mundo: (im)pressões artísticas em tempos de urgência*.<sup>17</sup> Estas convocatórias materializaram, até o momento desta publicação, três edições da revista. E quais têm sido os nossos desafios?

Algumas problemáticas podem ser colocadas em torno dos modos de subjetivação a que fomos nos aproximando, um “engajamento, responsabilização e gestão da própria sobrevivência” (ABÍLIO, p.112, 2020) praticados por trabalhadores e trabalhadoras da produção cultural quando envolvidos na produção discursiva do empreendedorismo.

[...] a uberização do trabalho define uma tendência em curso que pode ser generalizável pelas relações de trabalho, que abarca diferentes setores da economia, tipos de ocupação, níveis de qualificação e rendimento, condições de trabalho, em âmbito global (...) que culminam em uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho (ABÍLIO, p. 112,2020).

O volume de trabalho, a dificuldade de uma delimitação clara entre horas de trabalho e horas de descanso, espaço de trabalho e espaço de descanso foram tensionadas nas dinâmicas engendradas *em casa*. O sonho e a pausa estariam em consonância com a tendência mundial “de transformação do trabalhador em trabalhador autônomo, permanentemente disponível ao trabalho, reduzido a um alto gerente subordinado”? (*Ibidem*). O percurso foi incorporando os avanços tecnológicos ao processo inicial de produção de redes colaborativas, criativas e afetivas numa *casa* para uma inserção em plataformas tecnológicas e redes virtualizadas. Ao mesmo tempo que nos “uberizávamos” pois, de certa forma, colocávamos numa complexa armadilha de condições exaustivas de autoprodução com recursos próprios. Mas, é preciso destacar que isto não é um fato novo para artistas, professores e produtores culturais no Brasil, talvez este “fenômeno” se torne

<sup>17</sup> Destas convocatórias resultaram a publicação de três revistas de artista, sendo que a primeira foi publicada como um suplemento especial da Revista Linha Mestra - ISBN: 1980-9026; a segunda edição teve a parceria da Revista Alegrar - ISBN: 1808-5148 e a terceira edição suplementa a Revista Rascunhos - ISBN: 2358-3703. Todas as publicações fortalecem a parceria com periódicos acadêmicos validados pelo sistema de classificação de periódicos da Capes (WebQualis).

mais visível em cyber contextos, pois nossa força de trabalho sempre fez parte da periferia do desenvolvimento capitalista.

Realizar convocatórias de modo totalmente remoto foi muito diferente, exigiu d horas e horas de encontros virtuais que, geralmente aconteciam no período noturno e marcaram as etapas de cada uma das chamadas a saber: elaborar o edital das convocatórias, divulgar, organizar as inscrições; divulgar a homologação das inscrições, convidar a equipe de curadoria; realizar a pré-seleção das obras, realizar a curadoria; divulgar a listagem dos artistas selecionados; diagramar a revista, buscar parceria com periódicos acadêmicos; organizar e realizar o evento de lançamento da revista ; buscar parceria com galerias e redes de apoio às chamadas, entre outras. Resultado: muitas descobertas, trocas e aprendizagens coletivas e horas de trabalho nunca “condição permanente de disponibilidade” que talvez sejam invisíveis aos projetos de pesquisa de uma universidade pública no qual esta experiência se insere.

Cada convocatória lança um edital que fica no ar por um ou dois meses. Por isso, precisamos buscar formas de divulgar o convite. Uma tarefa fácil quando o recorte é local ou regional, agora, quando se deseja estender o convite a qualquer pessoa do mundo... a tarefa parece maior, bem maior, mas também possível numa sociedade em rede. Assim, criamos nossa própria **cartografia midiática**, ou seja, um percurso necessário para percorrer e fazer com que a chamada chegasse a outras paragens.

A primeira ação foi criar conteúdo para alimentar o **site e as redes sociais** da Casa Clic e dos grupos de pesquisa parceiros. Produzimos tudo! Gravamos vídeos, editamos pequenos textos, criamos um designer padrão para as postagens das Convocatórias, enfim, nos exercitamos a construir uma imagem visual que identificasse a proposta e que facilitasse o acesso de pessoas interessadas em editais artísticos.

A segunda ação: **postar!** Marcar pessoas, grupos, centros culturais do Brasil e do Mundo, provocar a interação e, claro, estar atento às perguntas dos participantes em todas as plataformas acionadas. Divulgar o edital também na rede de **whatsapp**. Não basta apenas compartilhar arquivos ou solicitar que repassem entre os grupos. Nosso objetivo é enviar mensagens afetivas, convidando um a um a entrar no movimento da Pausa, da escuta, da criação, afinal, é disto que se trata, uma forma de

cuidar do coletivo em tempos de pandemia. Cuidado, escuta e atenção que acontecem durante todas as etapas das convocatórias.

Outra ação importante para garantir maior alcance é fazer contato com **jornais e fanpages** de cultura para que as convocatórias tenham ampla participação de artistas não apenas em território nacional. Buscamos **sites específicos** que divulgam chamadas de Artes Visuais. Fizemos contato com alguns e, para a nossa surpresa, alguns sites já estavam divulgando os editais de modo voluntário. Isto trouxe grande impacto, deu visibilidade e credibilidade ao processo. Por outro lado, quando nos referimos a jornais regionais (impressos e on-line) esta é sempre uma tarefa difícil e até desgastante. Isto porque, quando a pauta é cultura, esses jornais não estão interessados em publicar este tipo de notícia.

Como poderíamos ampliar as estratégias de divulgação sem optar pelo pagamento de postagens patrocinadas nas redes? Usar o **Facebook**. Usando como palavra-chave a expressão “arte visuais”, buscamos grupos e páginas específicas no Brasil e no mundo para divulgar as convocatórias. Foi surpreendente a adesão que tivemos em diferentes lugares como: Congo, México, USA, Rússia, Espanha, Alemanha, França, Haiti, Chile, Argentina, Paraguai, Venezuela, Colômbia, Portugal, Romênia entre outros países. Traduzimos então os nossos convites para diferentes línguas. Precisávamos nos preparar também para responder dúvidas eventuais dos participantes em seus respectivos idiomas, uma tarefa impensada inicialmente nas convocatórias e nos movimentos iniciais da Casa Clic.

Em resumo, a nossa **cartografia midiática** alcançou, nas duas convocatórias, quase 800 inscrições com participantes do Brasil e do mundo, em diversos formatos e linguagens artísticas. Para o **processo de seleção dos trabalhos** que compõem as revistas de artista Pausa na Rede, optamos por convidar parceiros/pesquisadores/artistas<sup>18</sup> externos aos nossos grupos de pesquisa e de

---

<sup>18</sup> A equipe de curadoria da primeira e segunda edição da revista foi composta por: Keyla Sobral – artista visual e curadora independente que vive e trabalha em Belém/PA; Sara Figueiredo – arquiteta, artista visual, idealizadora da Eixo Arte Galeria na cidade do Rio de Janeiro (RJ); Alda Romaguera – poeta, educadora que vive e trabalha na cidade de Sorocaba (SP); Raquel Versieux – artista visual que vive e trabalha na cidade do Crato (CE); Carolina Pereira – antropóloga, educadora que vive e trabalha nas cidades de Palmas e Miracema (TO); Tatiana Devos – artista visual que vive e trabalha na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Além dos cinco membros dos grupos de pesquisa vinculados à UFT, organizadores das convocatórias. Totalizam o número de onze curadores de diferentes regiões e formações artísticas nas duas primeiras edições. Na terceira edição da revista Pausa na Rede, desta vez com o tema “*Casa-mundo: (im)pressões artísticas em tempos de urgência*” ampliamos nossa rede de curadores indo além das fronteiras nacionais. Contamos com a contribuição do cineasta e pesquisador colombiano

diferentes áreas de formação. Isto configura também um modo de estender a *Pausa* a outros lugares, a outros coletivos, a formar mais e mais **redes colaborativas** neste paraquedas. Todos nós confinados nos espaços das nossas casas nos aproximamos para a difícil e instigante tarefa da seleção. A curadoria é ainda um modo de ver o olhar de outras pessoas construírem colaborativamente o periódico.

### **Para concluir....**

Ao pensar e tensionar o espaço da casa, os modos de ocupá-la, habitá-la, expandi-la e até transmutá-la em uma virtualidade algumas reverberações podem ser tratadas como forças paradoxais. O paradoxo é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói, o senso comum como designação de identidades fixas [...] “pertence à essência do devir avançar, puxar nos dois sentidos ao mesmo tempo [...] O bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo” (DELEUZE, 1974, p. 1-3).

Pensar os espaços da intimidade da casa como uma poética do cotidiano para a contemporaneidade nos levou a constatar a potência criativa da casa tomada como **modo de usar** a partir de uma dupla dimensão: a íntima e a expandida em redes de conexão. Por outro lado, muitas pessoas, confinadas na casa, tornaram este espaço meio de produção de suas vidas por uma contingência, o que muitas vezes se tornou um contínuo espaço de trabalho que não encontra pausa e captura até mesmo, nosso espaço íntimo.

Ao desterritorializar este espaço como um lugar físico-geográfico e seus significados para dar passagem a uma virtualidade do real, nos deparamos com as

---

Sebastian Wiedemann que vive e trabalha entre o Brasil e a Colômbia; Máira Zenum - artista multidisciplinar e socióloga que vive e trabalha entre o Brasil e Portugal; Keyna Eleison - artista, curadora, diretora artística do Museu de Arte Moderna na cidade do Rio de Janeiro/RJ; Renato Cirino - realizador cinematográfico que vive e trabalha em Goiânia/GO; Anike Laurita - artista multidisciplinar, arte-educadora que vive e trabalha em São Paulo/SP; Roselete Aviz - poeta, professora, pesquisadora que vive e trabalha em Florianópolis/SC; Leda Guimarães - artista visual que vive e trabalha em Goiânia/GO; Edson Meirelles - fotógrafo que vive e trabalha no Rio de Janeiro/RJ; Patrícia Mont Mor - cineasta e produtora que vive e trabalha no Rio de Janeiro/RJ; Alik Wunder - bióloga, fotógrafa e pesquisadora vive e trabalha em Campinas/SP e Davina Marques - poeta, pesquisadora e professora que vive em Campinas/SP e trabalha em Hortolândia/SP. Um elenco de onze curadores localizados em diferentes países e contextos. A curadoria contou ainda com a contribuição dos organizadores da Revista Pausa na rede, formando um time de 16 pessoas que se dedicaram atentamente ao exercício de escuta das obras desta edição.

novas problemáticas do capitalismo informacional para a produção artística e docente, um trabalho contínuo que depende de um “trabalhador autônomo” sempre disponível a fazer muito mais por muito mais tempo de uma forma sempre nova agregando mais funções ao seu fazer. Por outro lado, em rede e conectadas a dimensões planetárias, o alcance de uma ação artística ganha proporções expressivas e possibilidades de produção entre-imagens em rede internacional o que, inevitavelmente, coloca a produção artística numa atuação virtual.

Foi em casa que abrimos o paraquedas colorido para pesquisar, criar dimensões ativas diante de um mundo pandêmico. Pelas **pausas** e nos **intervalos** pulverizamos estados de presença entre desejos, fantasias, delírios, sonhos, utopias, redes... propomos poéticas, encontros virtuais, revistas que ensaiam abrir clareiras numa proposta de casa viva que nos transforma pelo **modo de usar** o espaço-tempo cotidiano para inventar outros mundos possíveis quando não paramos de cair.

#### Referências:

ABÍLIO, Ludmila C. **Uberização: a era do trabalhador just-in-time?** ESTUDOS AVANÇADOS 34 (98), 2020.

BEZERRA, André; VASCONCELLOS, Ana (org.). **Mapeamento de residências artísticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Funarte, 2014.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede, do conhecimento a política. *In.: A Sociedade em Rede do Conhecimento à Ação Política*. Livro organizado a partir da Conferência promovida pelo Presidente da República 4 e 5 de Março de 2005, no Centro Cultural de Belém.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. Mil platôs: **Capitalismo e esquizofrenia** 2. Vol. V. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo, Ed. 34. 2012.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa. Filosofia prática**. Tr.: Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002

DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido**. Tradução de Luiz Roberto Sali. São Paulo, Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

GOYENA, Alberto. **O fascínio ocidental pelo original**: Entrevista com Roxana Waterson. *Enfoques - Revista dos Alunos do PPGSA-UFRJ*, v.12(1), junho 2013. [online]. pp. 142 - 151. Disponível em: [http://issuu.com/revistaenfoquesufrj/docs/vol12\\_1](http://issuu.com/revistaenfoquesufrj/docs/vol12_1), acesso em: 16/05/2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ªEd. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEITE, Amanda M. P.; SILVA, Renata Ferreira da. **Desvio: a cidade posta em cartões.** Revista ClimaCom, São Paulo, ANO 04 - N08 - "Cartas e Cataclismas", 2017. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/desvio-a-cidade-posta-em-cartoes/>

LEITE, Amanda. M. P. (2020). **Marli Wunder: entre hilos, imágenes y proceso creativo.** *Razón Y Palabra*, 23 (106), 57–74. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/1306>

LOPES, Denilson. **A Delicadeza: estética, experiência e paisagens.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília: Finatec, 2007.

SANTAELLA, L. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus, 2005.

SILVA, Renata Ferreira. **Por um modo de vida Alegre.** Revista Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v.35, n.70, p.147-157, 2017.

ZABALBEASCOA, Anaxu. **Tudo Sobre a Casa.** Tradução Maria Alzira Brum Lemos. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. (*E-book* sem paginação regular)